

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

BEATRIZ SILVA BACELAR

**Identidade Periférica do bairro Grajaú:
O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Identidade Periférica do bairro Grajaú:
O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**

Beatriz Silva Bacelar

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Mídia, Informação e Cultura

Orientador: Prof. Dr Dennis Oliveira

São Paulo

2020

Identidade Periférica do bairro Grajaú: O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural¹

Beatriz Silva Bacelar²

Resumo: Este trabalho procurou identificar as características do bairro Grajaú, sua cultura e o sentimento de pertencimento de seus moradores. Para isso, foram levantados embasamentos teóricos sobre identidade e cultura, relacionando-os ao contexto da periferia em uma pesquisa de campo, observatória e exploratória do bairro, e entrevistas com moradores. Apesar de ser conhecido como um bairro cultural, o assunto dominante na cobertura da mídia hegemônica é a violência, e a hipótese deste trabalho é que esta redução da periferia a essa temática gera insegurança e a desvalorização da cultura local, induzindo os moradores a não se sentirem pertencentes ao bairro.

Palavras-chave: Periferia. Pertencimento. Identidade. Cultura.

Abstract: This study aimed to identify characteristics of the Grajaú neighborhood, its culture and the residents' sense of belonging towards the place. Based on that, theoretical framework about culture and identity have been chosen and will be connected to the context of periphery, with an exploratory and observatory field research about the neighborhood with residents' interviews. Notwithstanding being known as a cultural neighborhood, the dominant version circulated by the hegemonic media is about the violence, and one of the assumptions of this study is that this image of periphery leads to insecurity and a lack of appreciation towards the local culture, and it might be a factor that induces residents to lose the sense of belonging towards the neighborhood.

Keywords: Periphery. Belonging. Identity. Culture.

Resumen: Este trabajo tuvo como objetivo identificar las características del barrio de Grajaú, su cultura y el sentimiento de pertenencia de los habitantes locales. Para eso, fueron seleccionados fundamentos teóricos acerca de identidad y cultura, estableciendo una relación con el contexto de periferia en un estudio de campo exploratorio y observacional en el barrio, con entrevistas con los residentes. Aunque es conocido como un barrio cultural, el tema dominante que la prensa hegemónica circula es sobre la violencia, y una de las hipótesis que aborda el trabajo es que ese estereotipo de periferia desencadena incertidumbre y una ausencia de apreciación con la cultura local, y puede ser un factor posible para que los residentes pierdan el sentimiento de pertenencia en relación al barrio.

Palabras clave: Periferia. Pertenecimiento. Identidad. Cultura.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

² Formada em Jornalismo pela Fapcom e Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pressupõe-se que o sujeito periférico do distrito Grajaú, Zona Sul da cidade de São Paulo, ainda está em busca de uma identidade. Cabe lembrar que a transformação é movimento constante na produção da identidade. Para Stuart Hall, a identidade torna-se uma “celebração móvel” transformada continuamente, mudando conforme como as pessoas são representadas ou interpretadas pelos sistemas culturais que as cercam (Hall, 1987). Por isso o primeiro argumento deste trabalho é essa busca: pois tudo ainda está em transição.

Seguindo a linha de pensamento de Stuart Hall, existe uma perda de sentido, também chamado de deslocamento ou descentração do sujeito. A presença contínua das temáticas de inclusão, pertencimento e identidade sinaliza a manutenção constante que a sociedade passa. Também indica a tensão e conflitos históricos que se manifestam entre o indivíduo e a sociedade. Essa busca por pertencimento é imposta desde a primeira interação com o outro. Nesses processos que estruturam o pensamento do indivíduo há uma fragmentação do sujeito. Nisso, são questionados diversos pontos, inclusive, o pertencer.

Stuart Hall (2006) apresenta a denominação de "identidades culturais" como aspectos de nossa personalidade que surgem a partir do sentimento de “pertencer” a culturas étnicas, raciais, linguísticas e religiosas. Hall entende que as condições atuais da sociedade estão "fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006, p. 9).

A análise foi realizada tendo como referência os conceitos de Identidade de Hall. O objeto de pesquisa neste trabalho é buscar a identidade do bairro Grajaú, usando como referência o autor Stuart Hall e entrevistas conduzidas com moradores do bairro. Os entrevistados foram questionados sobre as preferências do sujeito periférico e a possível falta de valorização do local. Foi analisado o cenário cultural do bairro como argumento de resposta de uma das características da identidade periférica do Grajaú.

Bauman (2005) define identidade como autodeterminação, ou seja, o eu postulado. Para ele, as identidades habitualmente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. De acordo com essa indagação pode-se afirmar que o eu em evidência refere-se à comunidade em que se pratica. O sujeito pode pertencer a tribos, ter religião ou participar de organizações sociais, pois todos esses movimentos irão moldar a identidade do indivíduo, e claro, seguindo a análise em questão, se definir morador de determinado local também. Partindo dessa definição, cabe a seguinte pergunta “o que a periferia significa para o morador do

bairro?”. A resposta dessa pergunta mensura muito o que o sujeito periférico vê, acredita e almeja do seu bairro.

É nesse contexto, que hoje o tema sentimento de pertencimento manifesta-se cada vez mais, sobretudo na antropologia e sociologia, mas em outros campos como a comunicação. Esse sentimento se traduz de forma visível, em sentidos e motivações, sustentando a busca a participação em grupos, tribos e comunidades que possibilitam enraizamento e gerem identidade. Em decorrência disso, essas buscas suscitam a quebra de fronteiras entre a sociedade e o indivíduo gerando novas tensões e conflitos.

Para Hall (2006) a identidade costura o sujeito à estrutura, mas se não há identidade qual caminho é seguido por esses moradores? Frequentemente é visto na fala dos residentes do bairro a insatisfação com assuntos importantes como saúde, educação e violência. São pautas que a grande mídia ressalta sobre o bairro e indaga os cidadãos. São questionamentos como esses que causam a insegurança no sentimento de pertencimento do bairro.

Apesar da insegurança frequente dentro da comunidade, é inquestionável a presença de arte e cultura no bairro. É um bairro rico em música, pintura e empreendimento. A arte urbana é o reflexo dos moradores do local. É a expressão colocada para fora e sentimento compartilhado. Independente do reconhecimento da mídia hegemônica ou não, quem circula no local reconhece e se sente presente nas artes expressadas.

Nesse entendimento pode-se afirmar que mesmo a grande mídia ignorando essas formas de expressão, a sociedade do local se reconhece nela e compartilha do mesmo sentimento. Em uma música do cantor de rap Criolo ou nos grafites Ver a Cidade, tudo fala um pouquinho do Grajaú. São nessas expressões de arte que o morador pode encontrar identidade e também uma resposta para a busca pelo enraizamento cultural.

É importante indagar sobre o que motiva o pertencer no contexto de uma sociedade tão desigual. Segundo Mauro Wilton (2010), pesquisador da USP, a perda das referências coletivas e das utopias, leva à busca de novas formas de enraizamento e desenraizamento. Segundo Wilton:

A temática do sentimento de pertencimento tem ainda sua atualidade e sua complexidade marcadas pela presença dos meios de comunicação atuando no imaginário social, nas diferentes formas de organização da vida individual e coletiva, na delimitação e criação de interesses que os condicionam. Os diferentes media podem, pois, estar atuando como mediação fundamental tanto na construção quanto na caracterização do pertencimento como linguagem de busca de identidade no contexto de um ausente comum aglutinador (WILTON, 2010, p.04).

Aqui o autor ressalta o quanto a comunicação fortalece esse tipo de pensamento e constrói essa linguagem nos cidadãos do bairro. A mídia hegemônica facilita a insegurança de o morador afirmar com falta de orgulho onde ele mora. Diante de reportagens com estereótipos e argumentos negativos sobre o bairro os moradores acabam reproduzindo esses discursos e compartilhando na roda de amigos e familiares.

Assim como novelas, filmes e séries, os telejornais também tem força na construção de um estereótipo representativo para as periferias. Essas motivações vêm de uma realidade do próprio local. Existe violência, existe precariedade e existe falta de incentivo público, tudo isso já é observado pelos moradores, pois faz parte da vivência no bairro. O que não pode faltar nessas narrativas é que também existe cultura, existe arte, empreendedorismo e coragem.

A área da comunicação, sociologia e antropologia vem estudando a temática identidade há anos. A relevância do assunto é questionada em várias teses e livros de autores como Stuart Hall, Bauman, Adorno e vários pesquisadores acadêmicos. A periferia também vem sendo pauta nas instituições como nos trabalhos, “As práticas Culturais Periféricas” da professora Denise Figueiredo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ou da tese “A Formação do Sujeito Periférico” do Tiajaru Pablo da Universidade de São Paulo (USP), entre vários outros. As principais razões em tratar do assunto é identificar essa identidade periférica existente no bairro Grajaú e apresentar as características culturais que o bairro possui para a valorização de tal, usando como contraponto todas as ações sociais que ele possui. É importante retratar isso para os moradores do bairro e instigar a busca da identidade periférica.

Apesar de ser um tema discutido na área acadêmica, os caminhos que levam a esse questionamento é vivido fora da sala de aula. Uma das frases mais comuns dos moradores do Grajaú tentando localizar alguém sobre onde mora é: “Moro ali em Interlagos” ou “Fica perto de Interlagos”. Um vício que a maioria dos moradores tem em colocar um ponto de referência de classe social majoritariamente classe A e B para dizer onde mora.

Toda demonstração cultural reinventa e constrói um novo significado para o espaço urbano, Harvey (2013) ressalta "o direito de criar a cidade que se deseja e não só o de usufruir o que já existe". O que já existe está circulando em todas as mídias, por isso é importante enaltecer o trabalho de produtores culturais que falam com os moradores do próprio bairro. A cultura nas comunidades é a maior expressão de identidade que um cidadão periférico pode encontrar. Entre conflitos geográficos, dificuldades entre o transporte, saúde e educação, é na arte que desenvolve outros símbolos que o bairro possui. Certeau afirma que as tensões impostas pela sociedade fortalecem o desenvolvimento da cultura:

A cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento das tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornecem equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade compromissos mais ou menos temporários. As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas (CERTEAU, 2009, p.44)

Seguindo o pensamento de Certeau, pode-se afirmar que a participação dos moradores da região constrói laços de pertencimento. Além do participar o usufruir também é importante para a valorização cultural e, além disso, comercial do bairro.

2. PROBLEMATIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante de todas as inseguranças impostas pelo cenário periférico e pela mídia hegemônica, os moradores se identificam como sujeito periférico do Grajaú? O sentimento de pertencimento é presente na vida desses cidadãos?

2.1. GRAJAÚ

Localizado na zona Sul de São Paulo, o distrito Grajaú tem hoje mais de 360 mil habitantes, segundo os dados demográficos da Subprefeitura Capela do Socorro. Seus limites são os distritos de Pedreira, Cidade Dutra, Parelheiros e o município de São Bernardo do Campo e Diadema.

O bairro é rodeado por duas grandes represas: Represa Billings e Represa Guarapiranga. As represas criaram um potencial de lazer até então desconhecido na região, incentivando um intenso desenvolvimento imobiliária em torno de loteamentos para construção de equipamentos recreativos. Existe muitos projetos sociais para explorar as margens da represa e cuidar da preservação da mesma, como por exemplo o Navegando nas Artes.

O distrito e o bairro são cortados pela Avenida Dona Belmira Marin que é considerada o centro comercial da região pois apresenta quantidade elevada de comércios. A Belmira Marin é considerada o centro comercial da região e os moradores podem encontrar diversas lojas de roupas, farmácias e restaurantes. A avenida também foi classificada como uma das mais perigosas da cidade no ano de 2018, segundo o jornal Estadão³.

A região também possui outras vias importantes de ligação com o restante da cidade

³ Material do Estadão sobre as avenidas perigosas da cidade de São Paulo:
<https://jornaldocarro.estadao.com.br/carros/10-vias-mais-perigosas-sp-acidentes/>

como Avenida Senador Teotônio Vilela e Av Paulo Guilguer Reimberg.



Fonte: Google Maps

Dados cartográficos do bairro Grajaú. Localizado na Zona Sul da Cidade de São Paulo.

O Terminal Grajaú é terminal urbano integrado com uma estação ferroviária da Linha 9 – Esmeralda da CPTM, e atualmente é o maior ponto de referência para a região, transportando pessoas do distrito e de regiões próximas. O bairro também possui muitas praças e espaços culturais como o Centro Cultural Carequinha e o Circo Escola. Ambos são referência de eventos artísticos e educacionais para os moradores do bairro.



O Terminal Grajaú é um dos principais pontos de referência no bairro. Imagem retirada da internet sem autor.

2.2. IDENTIDADE

A identidade é intensamente discutida no campo da filosofia, ciências sociais e na comunicação. Ela é definida no diálogo entre indivíduo e sociedade sendo mutável através de experiências e sentimentos desenvolvidos ao longo dos anos. Segundo Jürgen Habermas, o ser humano é responsável pelo desenvolvimento da sua biografia e pode construir novas identidades ao longo da existência, motivado por grupos sociais, crenças, manifestações e emoções. Permitindo assim, um novo reconhecimento nas interações sociais em que participa. Algumas vezes atraído pela necessidade de se sentir incluso o indivíduo molda sua identidade, por exemplo, nas atividades voltadas à vida profissional ou social.

Stuart Hall ressalta em seus estudos a questão da fragmentação na modernidade tardia, pois para ele, as identidades estão cada vez mais fragmentadas, construídas ao longo de práticas e posições. Por isso, a identidade é vista em nossos dias como flexível e em constante mudança. Hall distingue identidade como:

O ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que nos tentam ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar (HALL, 2000, p.112).

Para o autor estão sempre sendo reconstruída. Uma dos suportes para esse desenvolvimento é a própria cultura, que facilita no processo de identificação e de posicionamento.

A concepção do sujeito pós-moderno apresenta um indivíduo sem identidade fixa ou permanente, tanto Habermas quanto Hall reforça que a identidade é formada e transformada continuamente em relação aos diálogos de diversidade cultural que nos rodeiam. Essa identidade é definida historicamente e não biologicamente. Como explica Hall (2006):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Desse modo, a concepção do sujeito pós-moderno está totalmente atrelada à nossa realidade. A constante mudança deriva de várias questões e é tratada a partir da realidade de cada indivíduo na roda de amigos, no trabalho, tribos, religiões, e também sobre o objeto estudado nesse trabalho: o ambiente em que vive.

A representação cultural se multiplica e atinge cada um de uma forma, ao menos de maneira temporária. Hall fala sobre identidades contraditórias que podem vir a surgir no indivíduo e isso diz muito dos locais em que convivem e quais tipos de motivações estão sendo distribuídas. A formação da identidade passa por uma gama de sentimentos e decisões racionais e irracionais na escolha dos investimentos pessoais. Cabe refletir novamente sobre o papel do morador do periférico fora do seu bairro. Essa energia depositada no desenvolvimento da identidade surge a partir do discurso e dos símbolos que nos são transmitidos. Tudo isso facilita tornamo-nos parte de um lugar. Assim, ganhamos um sentimento de identidade e lealdade para com aquela local.

Vale ressaltar que a cultura de um povo está intrinsecamente relacionada à sua identidade, já que as pessoas que fazem parte de cada sociedade e suas respectivas culturas são expostas ao conjunto de conhecimentos que formam as práticas culturais. Dessa maneira, percebemos que a cultura tem grande influência na formação da identidade de uma sociedade, moldando-a segundo suas práticas e costumes.

2.3. A FORMAÇÃO DO SUJEITO PERIFÉRICO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Segundo o sociólogo Tiaraju D'Andrea, em 1990 houve uma explosão de atividades culturais em bairros periféricos de São Paulo e a produção artística construiu significado para o termo periferia. O termo periferia associado muitas vezes por estigmas, começou a ter um novo significado: força. As produções culturais, a realidade social e o tempo histórico dessa realidade reforçaram tudo que pressupomos entender sobre periferia.

Fundamentalmente pelo refluxo dos movimentos sociais e pelo avanço do neoliberalismo, o fazer político passa por um momento de crise nas grandes cidades em 1990. Uma das implicações desse refluxo foi o crescimento de coletivos de produção artística nos bairros populares que, na falta de um referencial oriundo de partidos políticos e de movimentos sociais, passaram a se agrupar ao redor de núcleos centrados na produção artística como forma de sociabilidade. Nessa dinâmica histórica, o movimento artístico foi um dos que melhor catalisou as impossibilidades da política, passando a fazer política por

meio de atividade artística, consolidando periferia como um modo compartilhado de estar no mundo, um posicionamento político e um discurso ressemantizados sobre o que venha a ser periferia. (ANDREA, p.45)

Para pesquisadores e antropólogos existem muitas representações simbólicas, políticas muito pouco contempladas na periferia e a questão urbana começou a ser discutida como modo de vida. Para Durham, por exemplo, essas minorias emergem como novos atores políticos e organizam movimentos que exigem uma participação na vida nacional da qual estiveram excluídos.

A falta de um representante que falasse sobre o que é viver na periferia, o fazer política banalizou nas comunidades. O que ganhou força nesse cenário foram as manifestações artísticas que abraçaram o discurso “ser periférico” e pautou publicamente esse território. O rap, excepcionalmente, é um ótimo exemplo de demonstração artística no qual se posiciona de maneira clara de como é viver na periferia. O “falar de dentro” foi utilizado como recurso para afirmar as narrativas.

No caso do Grajaú, um exemplo explícito sobre essa manifestação é o rapper Criolo. O cantor cresceu no Grajaú e nas suas obras sempre retrata opiniões políticas e sociais sobre o que tem e/ou falta no bairro. O grupo Racionais Mc’s também é um grande nome do cenário artístico que discorre sobre o que é ser negro, pobre e periférico. Uma das faixas do grupo se chama “Pânico na Zona Sul”, gravada em 1988 e regrava em 1990 e virou um hit periférico: “só quem é de lá sabe o que acontece”. O Grajaú, mais uma vez, é um dos bairros da Zona Sul de São Paulo.

Essas manifestações culturais ganharam espaço em 1990, quando as ilusões da igualdade social foram substituídas pelo avanço do neoliberalismo. Eram tempos de recessão e desemprego. Esses grupos artísticos contam a história da periferia e seus dilemas para elaboração de uma crítica à sociedade e apontar possíveis possibilidades de superação.

Tiaraju D’Andrea utiliza o termo “segregação socioespacial” para se referir a essa diferença econômica e social entre os bairros próximos ao centro e os periféricos. Existe um deslocamento maior por parte dos moradores periféricos por causa da rotina do trabalho ou até mesmo por uma opção de lazer.

É fato notoriamente observável que participantes do movimento, assim como jovens periféricos participantes de outros movimentos culturais ou formas de associativismo, possuem uma prática de circulação entre periferias na cidade de São Paulo. O advento de novas tecnologias das quais a internet é o maior

exemplo, também facilitou o contato e a troca de informações e experiências. É de se ressaltar, neste ponto, que a percepção de pobreza e da desigualdade é muito maior por aqueles que circulam pela cidade. A gramática crítica do rap também se construiu pela possibilidade de realizar comparações entre distintos pontos da cidade que expressavam realidades distintas. Para tanto, foi indispensável muita circulação por muitos bairros periféricos, pelo centro e por regiões mais abastadas da cidade. (ANDREA, p.70)

Não só o advento da tecnologia como o formato de sociabilidade. Grande parte da população periférica trabalha e estuda no centro da cidade. Em muitos casos até as preferências de lazer são pautadas para fora do bairro. Não há nenhum rompimento da segregação socioespacial, pelo contrário, essa grande circulação é só “a ratificação da segregação socioespacial, expressa pela distribuição desigual de postos de emprego nas diferentes regiões da cidade; na precariedade dos transportes públicos; nas restrições às acessibilidades, fundamental, nos tempos de deslocamento”, ressalta Tiaraju D’Andrea (2013 p.72). A partir dessa circulação é notável ver com mais precisão a distribuição desigual de direitos simples que cabem a todos, mas que está dividido de maneira injusta e focalizado no centro da cidade.

Desse modo, sentir-se periférico se expressa em experiências que contribuem para a formação de um sentido de pertencimento a uma situação social compartilhada. Morar na periferia se contrapõe a habitar regiões mais bem estruturadas da cidade e com melhor poder aquisitivo. É possuir uma experiência urbana pautada na segregação socioespacial, com grandes deslocamentos pela cidade no trajeto trabalho, faculdade, lazer serviços muitas vezes oferecidos somente oferecidos em bairros melhor estruturados.

O deslocamento pela cidade diz muito o que é ser periférico. Chega ser uma atividade normal acordar mais cedo que os demais para poder trabalhar e estudar. Pegar mais de uma condução em diferentes tipos de transporte também dá a possibilidade de ver a qualidade do outro lado da cidade. Nesse momento de comparações estéticas e de uma melhor qualidade urbana o sentimento de pertencimento é discutido, pois são nas dificuldades de grandes deslocamentos e a segregação socioespacial que os moradores buscam melhorias para ter uma qualidade de vida melhor.

Essa experiência compartilhada é um atributo ao qual José Guilherme Magnani denominou como “habilidade para viver na quebrada”, partindo por vivências da comunidade, o reconhecimento dos moradores, saber lidar com as dificuldades impostas, por exemplo, a violência. Essa experiência se manifesta nas histórias familiares, na roda entre amigos e na trajetória urbana. Por fim, a atribuição periférica se construiu pelo reconhecimento de sentir-

se periférico, que ocorreu entre indivíduos pertencentes a uma situação social próxima, que muitas vezes, numa cidade segregada como São Paulo, ocorreu no mesmo espaço geográfico.

2.4. ESTEREÓTIPOS MIDIÁTICOS

Os meios de comunicação estão presentes em tempo integral na vida das pessoas, além de ter um papel central na difusão de representações do mundo social na sociedade contemporânea.

Apesar de fazer o papel da propagação dessas representações, muitas vezes a mensagem é transmitida de maneira escassa, generalizada e principalmente estereotipada. A mídia hegemônica é a grande condutora de legitimação dos rótulos, colaborando deste modo, para a disseminação de notícias e narrativas vulgares. A mídia utiliza-se dos estereótipos, pois se baseia na suposição de que são amplamente conhecidos por todos e ajudam o público na compreensão do conteúdo da mensagem.

Segundo Gramsci, um dos aspectos pela luta da hegemonia é a tentativa habitual das classes dominantes de modelar a sociedade com o seu sistema de valores, de forma que sua ascendência comande. Legitimar normas e conduta demonstra um conflito social existente na sociedade. Esse tipo de comportamento interessa somente a uma parcela da sociedade, no qual, a mesma sente-se superior a outra.

A relevância do assunto se faz urgente diante das influências que sua manifestação pode causar na saúde sociocultural de indivíduos. Se a mídia representa somente os estereótipos, o indivíduo tem como consequência uma avalanche de preconceitos produzidos por uma parcela da sociedade que diz que tal discurso sobre algo ou alguém é verdadeiro a partir da visão desse sistema de valores. Segundo Sodré, o discurso midiático pode até mesmo deslegitimar grupos sociais e criar mais estímulo para a desigualdade social:

A mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social. (SODRÉ, 1999, p. 243).

Quando analisamos esse ponto de vista, por exemplo, no bairro do Grajaú, este estímulo funciona quando a mídia reforça palavras subjetivas e pejorativas em matérias jornalísticas⁴.

⁴ Materiais antes do Corona Vírus com o nome do Grajaú: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/12/24/tiroteio-na-zona-sul-de-sp-deixa-dois-suspeitos-mortos-e-um-policial-ferido.htm>

Também encontramos esse tipo de discurso quando as seleções de pautas são sempre sobre violência.

A disseminação, pelos meios de comunicação de massa, de representações inadequadas de minorias, estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada como um sensível problema para o processo democrático, pois na verdade, o desenvolvimento demanda a opinião de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social. Logo, julgar apenas por estereótipos é desqualificar todo desenvolvimento social por trás da pauta em questão. Assim, como afirma Sodré, o estereótipo atua também como forma de impor uma organização ao mundo social.

Como observa Woodward, é por intermédio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência:

A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero. Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o “novo homem” das décadas de 1980 e de 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso. (WOODWARD 2000 p.17)

O autor ressalta os símbolos como condutores no desenvolvimento das identidades. São nesses meios de representação que muitos buscam inspirações e admirações. Por isso é importante ressaltar uma representação de maneira ampla e sempre discriminação, estereótipos e subjetividade.

Chimanda em seu discurso no TED falou sobre o perigo de uma história única. Para a autora, criar uma história e mostrar um povo como uma coisa, uma coisa sem parar, o povo acaba se tornando isso. Repetir a mesma história diversas vezes, reforça somente uma versão: A versão de quem está contando. Chimamanda ressalta a importância do poder como habilidade não apenas de contar uma história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/18/faria-limers-no-home-office-domingou-na-quebrada-sp-em-dia-de-covid-19.htm>

que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história seja única”, reforça a autora. Existe violência no Grajaú, mas existem outras histórias que não são só sobre eventos ruins e negativos, e é muito importante falar sobre essas narrativas também.

A mídia utiliza-se dos estereótipos, pois baseia-se na suposição de que são amplamente conhecidos por todos e que supostamente ajuda o público a compreender a mensagem. No entanto, a importância da discussão do assunto está justamente nessa suposição baseada em um pensamento, muitas vezes, preconceituoso ou apoiado na ignorância sobre o assunto. Todavia, a disseminação é feita legitimando uma desigualdade social.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este trabalho é uma pesquisa de campo desenvolvida com um estudo qualitativo de cunho bibliográfico. A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. As publicações são de artigos que falam sobre periferia e cultura, como o trabalho “Mídia, estereótipos e Representação das Minorias” do pesquisador João Freire Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e eventos científicos (GIL, 2010). Além desse tipo de material coletado também teve a busca online na subprefeitura do bairro e na biblioteca do Centro Cultural Grajaú onde estão as informações sobre a memória do bairro. Para o desenvolvimento deste projeto foi utilizados livros específicos da área de jornalismo e artigos e reportagens relacionadas ao tema para aprofundamento do assunto.

Para levantar quais são os aspectos do perfil do bairro foi necessário um trabalho de observação. Nesse aspecto foi preciso conhecer o bairro em todos os seus aspectos: andar de ônibus, metrô, comer nos restaurantes da região, participar de eventos e interagir com os moradores. Como afirma Correria, investigar o instrumento de pesquisa:

A Observação Participante é realizada em contacto direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Requer a necessidade de eliminar deformações subjetivas para que possa haver a compreensão de factos e de interações entre sujeitos em observação, no seu contexto. É por isso desejável que o investigador possa ter adquirido treino nas suas habilidades e capacidades para utilizar a técnica. (Correia, 1999, p. 31)

Com o objetivo de apresentar a cultura do bairro, apresentaremos todos os movimentos artísticos que o lugar proporciona, as músicas populares, eventos, shows e ambientes históricos

que também são considerados cultura do bairro.

A partir de todas as observações feitas e investigadas na parte bibliográfica o próximo passo foi explorar a identidade e questionar os moradores sobre o perfil do bairro. Para essas indagações foi feito entrevistas com moradores antigos do bairro e com personagens que frequentemente participam de eventos culturais e movimentos sociais na região. Para Gil (1999), a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais.

3.1. ROTEIRO

Para o desenvolvimento do artigo foi necessário fazer um trabalho de campo e entrevistar moradores do bairro e personagens da área cultural do Grajaú. Devido às consequências da pandemia, as entrevistas foram feitas de modo virtual por telefone. Os sujeitos foram selecionados para a pesquisa de acordo com suas atividades profissionais e artísticas no bairro. Toda conversa foi gravada com a permissão do entrevistado e o recorte feito com base nos temas apresentados no artigo.

A primeira entrevistada é a passista da Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, Thais Cristina. Thais é moradora do Grajaú e frequenta a escola de samba do bairro desde muito nova. O depoimento da Thais foi sobre a presença do samba no bairro e como isso impactou na sua vida. Além disso, a fala dela é importante para debater o quanto o estilo musical e as festas com a escola de samba estão presentes na vida dos moradores.

A segunda entrevistada é a poeta Ana Beatriz, moradora do Grajaú desde que nasceu. Ana dá aulas de literatura e escrita para espaços culturais e está estudando psicologia. As falas da Ana Beatriz agregaram muito no trabalho, pois ela se descobriu como artista a partir dos saraus que são desenvolvidos no bairro.

A terceira entrevistada foi Nayara Mesquita, estudante e estagiária no Sesc Interlagos. Nayara compartilhou sua experiência com espaços educacionais e culturais, além do seu trabalho no Sesc Interlagos, o mais próximo da região. Segundo Nayara, apesar do Sesc ter o nome Interlagos quase todos os alunos dela são do Grajaú.

O quarto entrevistado foi o rapper Jpa Epycentro. Jpa também é organizador da popular batalha de rimas que acontece na região. A participação do rapper foi para discutir sobre a importância da música na vida dos jovens e como a batalha de rima cresceu no Grajaú.

A quinta entrevistada foi a cantora, compositora e comunicadora Nayra Lays. A jovem de 23 anos é uma figura marcante no bairro e está com seu novo projeto "Meu Casulo". O

depoimento da Nayra no artigo tem como intuito debater sobre jovens que estão buscando sua identidade na música com o cenário periférico. Até que ponto as vivências no bairro influenciam na criação das letras e produção musical?

3.2. PERGUNTAS

Abaixo estão as perguntas elaboradas para cada entrevistado de acordo com o tema discutido por cada um.

3.2.1. Primeira Entrevistada

- Quanto tempo você mora no Grajaú?
- Você percebeu muitas mudanças no bairro no decorrer dos anos?
- Você considera o Grajaú um bairro cultural?
- Você acha a música uma ferramenta cultural importante para o bairro?
- Fazer parte da escola de samba do Grajaú fez com que você se identificasse mais com o bairro?
- Você acha que participar de grupos e movimentos sociais te ajudou na construção da sua identidade?
- Quais características você dá para o bairro Grajaú?
- O que o Grajaú é para você?

3.2.2. Segunda Entrevistada

- Quanto tempo você mora no Grajaú?
- Você percebeu muitas mudanças no bairro no decorrer dos anos?
- Você considera o Grajaú um bairro cultural?
- Quais as dificuldades de trabalhar com movimentos e instituições sociais no bairro?
- Você acredita que todos os movimentos culturais que o bairro possui impacta na identidade do bairro e dos moradores?
- Você acredita que o incentivo cultural é essencial para o desenvolvimento do bairro?
- Você acha que a mídia colabora com estereótipos no bairro?
- O que o Grajaú é para você?

3.2.3. Terceira Entrevistada

- Quanto tempo você mora no Grajaú?
- Você percebeu muitas mudanças no bairro no decorrer dos anos?
- Você considera o Grajaú um bairro cultural?
- Quais lugares culturais você frequenta no bairro?
- Quais as dificuldades de trabalhar com movimentos e instituições sociais no bairro?
- Você acredita que todos os movimentos culturais que o bairro possui impacta na identidade do bairro e dos moradores?
- Os seus alunos buscam muitas atividades culturais no bairro?
- Você acredita que o incentivo cultural é essencial para o desenvolvimento do bairro?
- Você acha que a mídia colabora com estereótipos no bairro?
- O que o Grajaú é para você?

3.2.4. Quarto Entrevistado

- Quanto tempo você mora no Grajaú?
- Você percebeu muitas mudanças no bairro no decorrer dos anos?
- Quando você se descobriu como artista?
- O que é ser um artista no Grajaú?
- As vivências no bairro impactam no seu processo criativo?
- Você considera o Grajaú um bairro cultural?
- Quais as dificuldades de um artista periférico?
- Como começou a organização das batalhas de rima?
- Você acha que a mídia colabora com estereótipos no bairro?
- Você acredita que todos os movimentos culturais que o bairro possui impacta na identidade do bairro?
- O que o Grajaú é para você?

3.2.5. Quinta Entrevistada

- Quanto tempo você mora no Grajaú?
- Você percebeu muitas mudanças no bairro no decorrer dos anos?
- O que é ser um artista no Grajaú?

- As vivências no bairro impactam no seu processo criativo?
- Você considera o Grajaú um bairro cultural?
- Quais as dificuldades de um artista periférico?
- Você prioriza apresentações no bairro?
- Você acredita que o incentivo cultural é essencial para o desenvolvimento do bairro?
- Você acha que a mídia colabora com estereótipos no bairro?
- Já aconteceu de você ser julgada por dizer onde mora?
- Você acredita que todos os movimentos culturais que o bairro possui impacta na identidade do bairro?
- Quais características você dá para o bairro Grajaú?
- O que o Grajaú é para você?

3.3. ANÁLISE

Seguindo essa sequência de perguntas, foi feita uma análise da identidade periférica do bairro usando como base as respostas dos entrevistados do âmbito cultural. O intuito é estabelecer pontes entre visão sobre o bairro, visão crítica e a ação cultural dos personagens descritos no artigo. Os entrevistados opinaram sobre cultura, mídia, educação e pertencimento. As abordagens foram feitas por telefone por causa do período de quarentena.

O distrito do Grajaú é repleto de cursos e movimentos culturais pelos bairros da região. Além disso, o local também possui uma escola de samba: Escola de Samba do Terceiro Milênio. A agremiação localizada no distrito do Grajaú tem uma comunidade forte e essencialmente jovem. Entre esses jovens está a sambista Thais de 24 anos. Thais sempre morou no Grajaú e faz parte da Terceiro Milênio desde 2015. Segundo Thais⁵, fortalecer os movimentos culturais do bairro é muito importante e isso causa ainda mais orgulho em pertencer ao Grajaú:

Nós do Grajaú não temos referência de escola de samba. Tem gente que sai daqui para desfilar em outros lugares. Frequentar a Terceiro Milênio não é só gostar de samba, mas é fortalecer algo cultural do nosso país e que tem aqui no nosso bairro. Temos acesso, mas as pessoas não conhecem. Para mim é importante fortalecer as instituições daqui e os serviços do nosso bairro. Não tem coisa melhor do que vibrar pelo local que a gente mora. Se orgulhar e falar que é do Grajaú.

⁵ 5 Entrevista concedida no dia 26/10/2020 por telefone. Entrevistador: Beatriz Silva Bacelar.

Os jovens que participam da Terceiro Milênio passam a maior parte do tempo no Grajaú por causa de todos os eventos que envolvem a escola. A maioria dos ensaios acontecem próximo ao Centro Cultural, local de referência cultural no Grajaú por possuir diversos cursos e eventos.

Por que vou sair se tem aqui? Se eu sei que tem lugar aqui que é legal e está fazendo um *corre* para subir, para dar visibilidade... não tem coisa melhor do que fortalecer qualquer coisa cultural daqui. O Centro Cultural, por exemplo, com determinadas administrações ficou precarizado, então se a gente parar de acessar, não reivindicar, não ir lá e divulgar, nós que vamos sair perdendo. O que puder fortalecer eu fortaleço.

Kowarick (1983) reforça que falar em periferia implica falar no plural, pois além de indicar a distância geográfica e a baixa estrutura em diversos quesitos (transporte, educação, saúde, etc), esquece-se de citar, sobretudo, que a periferia também é um espaço de sociabilidade, de arte e de intervenção político-cultural.

Fazer parte da escola de samba fez com que Thais se identificasse mais com o bairro, além de criar vínculos com os amigos e colegas da escola de samba. O Centro Cultural no Grajaú, muitas vezes, é o primeiro contato que os jovens têm com os eventos culturais que o distrito possui, por isso participar de movimentos sociais fortalece o sentimento de pertencimento no local. Frequentar esses ambientes é importante para criar vínculos e identificação. No caso da Thais, estar na Terceiro Milênio e fazer cursos no Centro Cultural ajudou a criar essa relação de carinho.

Eu estudava em outros bairros como na Cidade Dutra, então na minha época os adolescentes iam muito em matinês em outros lugares. Se eu fosse por esse mesmo caminho não teria a relação que tenho hoje com o Grajaú. Por causa da Terceiro Milênio eu ficava mais aqui, então eu descobri o Centro Cultural e lá tinha outras aulas...como sempre gostei de dançar comecei a fazer zouk, samba rock, tinha várias coisas que comecei a ter acesso, graças a minha entrada na escola de samba. Mas se eu fosse pelo viés de roles em outros bairros, pouco provável eu ia conhecer e me identificar mais com o Grajaú.

É importante destacar que tais coletivos desempenham um papel muito importante na democratização da informação nas periferias e no exercício de repensar a prática da cidadania. Para Ana Beatriz⁶, poeta e moradora do Grajaú desde a infância, o distrito teve um papel importante na sua identidade, pois foi no local que ela teve conhecimento de temas culturais e conteúdo que fazem parte da carreira dela:

⁶ Entrevista concedida no dia 29/10/2020 por telefone. Entrevistador: Beatriz Silva Bacelar.

O Grajaú foi muito importante para as minhas descobertas poéticas e literárias. Foi aqui que conheci o sarau, os slam e a literatura periférica. Estou nessa área desde 2015. Meu primeiro contato foi no Centro Cultural. Atualmente eu não vivo só da arte, porque a arte não é valorizada. É um corre muito difícil conseguir se sustentar com trabalho independente. Eu ministro cursos sobre Literatura Negra e Literatura Negra Feminina. Trabalho com literatura através de escolas e faço oficinas de literatura e escrita no centro cultural.

O campo da cultura se tornou um recurso importante tanto para o crescimento econômico (YÚDICE, 2006), como no âmbito das intervenções urbanas (ARANTES, 2000). Hoje em dia muitos artistas e profissionais de diferentes áreas saem da periferia, conseguem colocar em prática todo seu aprendizado na região e também a incentivar os jovens do local. É nesse contexto que podemos situar a visibilidade adquirida pelas manifestações culturais periféricas.

O calçadão do Centro Cultural também recebe a popular batalha de rimas organizada pelo coletivo Graja Rap City. O projeto antigamente fazia shows e festas para a região, mas agora o foco são as batalhas. Hoje o evento é muito conhecido fora da região, já saíram na Veja SP e outros meios de comunicação por causa da repercussão das apresentações. Um dos organizadores do evento, o rapper e tatuador Jpa Epycentro⁷, acredita que a batalha de rimas dá oportunidades para os jovens mostrarem seu talento e acreditarem que podem começar de algum lugar:

O que a gente precisa é de apoio. Falando a real o dinheiro é importante. Vivemos em um mundo capitalista. É fundamental a ajuda do governo e dos movimentos culturais. A Batalha, por exemplo, veio para quebrar isso também. Todo mundo pode cantar. A gente tem uma lista enorme de pessoas, mas todo mundo canta. Tanto o cara grande quanto quem está começando. A gente veio para quebrar alguns paradigmas referente a essas dificuldades que os artistas têm em começar de algum jeito [...] isso é importante para os moleques acreditarem. A dificuldade existe, mas os artistas daqui são bem fortes para serem resistentes e ganharem mais espaço.

A cantora e compositora Nayra Lays⁸, encontrou nos palcos de saraus na região o primeiro passo para ganhar confiança para cantar. Nayra sempre morou no Grajaú, mas e hoje como cantora profissional encara os desafios de ser uma artista periférica. Segundo ela, muitas vezes os artistas encontram a barreira da invisibilidade:

A gente dedica muito tempo e energia para os projetos, mas quando colocamos esses projetos no mundo a gente esbarra com um processo muito violento e pesado [...]. Esbarramos na invisibilização. Não podemos ignorar que quando

⁷ Entrevista concedida no dia 11/11/2020 por telefone. Entrevistador: Beatriz Silva Bacelar.

⁸ Entrevista concedida no dia 18/11/2020 por telefone. Entrevistador: Beatriz Silva Bacelar.

a gente pensa em processos históricos e na desigualdade do Brasil, isso tem impacto direto nos trabalhos de artistas pretos, periféricos e de mulheres. Muitas vezes a gente não tem o dinheiro, acesso, não conhecemos as pessoas.

Mesmo divulgando e atingindo outros locais além da sua região, os artistas precisam encarar a burocracia dos eventos, e que segunda Nayra, muitas vezes é criada para eles não conquistarem aquele espaço:

Eu sinto que às vezes, principalmente quando lidamos com espaços institucionais, o pensamento de outro lado de ‘como ela vem de onde ela vem, talvez ela aceita qualquer coisa’. Eu percebo muito nas entrelinhas até na burocratização dos processos. Percebo que é até para a gente não acessar alguns editais, espaços, alguns conhecimentos específicos.... É nesse momento que precisamos entender o quanto nosso trabalho vale. Para entender isso precisamos passar por esse processo de profissionalização para ficarmos cada vez menos reféns dessa estrutura que nos oferece poucos e que acredita que quem vem de onde a gente vem, aceita qualquer migalha.

Além do Centro Cultural há outros espaços importantes na região como: Circo Escola, o Centro de Arte e Promoção Social (Caps), Sesc Interlagos, Instituto Anchieta Grajaú, Ongs, entre outros. Vale lembrar que apesar do Sesc conter o nome “Interlagos” a maioria do seu público é do Grajaú. A Estagiária Nayara Souza⁹ participa dos programas: Espaço de brincar, Programa curumim e o Juventude. Em todas as turmas Nayara ressalta que seus alunos são maioria ou 100% do Grajaú:

Eu diria que todos os meus alunos são do Grajaú. Eu vejo o Sesc como um apoio para as famílias, é um ambiente grande e bom. Eu considero um ponto de referência de lazer para a maioria das famílias. Além dos dias da semana nas atividades, no final de semana sempre estão com os pais lá.

Além do Sesc, Nayara foi voluntária no Instituto Anchieta Grajaú e presenciou de perto o crescimento do bairro e da população com exercícios voltados a cultura.

Eu considero o Grajaú um bairro cultural. Eu tenho a percepção que não é todo mundo que percebe isso ou que não conhece os ambientes culturais. O Instituto contempla várias coisas, tem creches, tem atividades ambientais, assistência social, núcleo de esporte. Instituição sem fins lucrativos com várias atividades multidisciplinar.

A imagem da violência na periferia, cultivada de fora para dentro, tende a ficar em segundo plano para os jovens que participam de movimentos culturais no bairro. Os jovens envolvidos com arte e cultura no Grajaú tendem a caracterizar o bairro, primeiramente, com adjetivos positivos. Percebe-se a importância de estar “presente” no bairro. Conhecer lugares e

⁹ Entrevista concedida no dia 30/10/2020 por telefone. Entrevistador: Beatriz Silva Bacelar.

atividades no qual o morador sente-se à vontade e se identifica, desperta o orgulho de pertencer ao local. Para a poeta Ana Beatriz, por exemplo, o Grajaú além de tudo é diversidade:

O Grajaú é diversidade. Aqui a gente encontra de tudo. É um bairro com muita diversidade cultural. Foi aqui que eu tive todas minhas descobertas culturais. Meu primeiro contato com literatura foi aqui no Grajaú. A partir dos Saraus, Slam e dos cursos no Centro Cultural que eu tive a certeza que a minha vida tinha um sentido. A cultura não é algo distante em livres inalcançáveis. A cultura é tudo, sou eu, as pessoas e todo o território.

A identificação que a estudante Nayara tem com o bairro vai muito além de morar no local e ter a família por perto. O sentimento de pertencer e considerar de fato um lar vem muito mais por sentir que o Grajaú também faz parte dela:

O Grajaú para mim é uma casa. Eu passei a minha infância inteira contemplada em atividades culturais, eu trabalho com isso, então todo o meu contato e amigos são do Grajaú. Eu vejo realmente como um lar não só por estarem no lugar que moro, mas porque contempla tudo de mim. As pessoas fazem o ambiente e tudo que vivi no Grajaú teve um impacto muito grande em quem eu sou.

Os artistas conseguem encontrar nas experiências de vida muitas inspirações para a produção dos seus conteúdos. Nayara Larys, por exemplo, tem nas suas canções muita poesia, referências da negritude e da periferia. Segundo Nayra, o Grajaú é um dos seus motivos criativos e por isso o sentimento de pertencimento é dominante:

Pra mim o Grajaú é um lugar de descoberta de potência. Foi onde eu compreendi que eu tinha uma voz. Foi quando eu entendi que eu poderia e posso me expressar como eu achar mais interessante [...]. É muito valioso quando nós entendemos que a gente tem uma voz, porque a gente começa a olhar para o nosso caminho com mais autonomia. Nós temos referências, mas a gente não pode esquecer que uma das maiores inspirações é nossa história, nosso lugar de origem e de onde a gente faz parte. E o Grajaú é isso para mim: meu motivo criativo.

Nos escritos de Hall (1997), o conceito de representação aparece no campo da comunicação como forma expressiva que alimenta o ciclo recursivo por meio do qual sociedade e indivíduos constroem-se. Desse modo, a cultura periférica no Grajaú citada pelos personagens no âmbito cultural dá a possibilidade para que diferentes perspectivas circulem pela sociedade.

3.3. MÍDIA

De maneira geral, a mídia usa em sua grande maioria, estereótipos para tratar temas relacionados a minoria no Brasil. Sobre a periferia especificamente, a mídia hegemônica é a

grande condutora de legitimação dos rótulos, muitas vezes negativos. Para Thais Cristina, o Grajaú é muito mais do que aparece na televisão:

Apesar da invisibilidade nós estamos em crescimento... é um território alegre, que infelizmente não tem muito tempo para sofrer, digo isso porque na época de pandemia, nosso território foi um dos que tiveram altos índices de contaminação. Também é onde mais se concentra a população trabalhadora e que conseguiu sustentar a cidade nesses meses de pandemia, mas no jornal aparece que a gente estava furando quarentena. Estávamos só furando quarentena ou a gente estava levantando todo dia para pegar perua lotada e trabalhar, pois não tivemos direito de cuidar da nossa própria saúde. Por isso somos uma potência.

Pode-se dizer, então, que numa sociedade cujos princípios são traçados pela estética do mercado, a exclusão social é por si só uma violência provocada pela mídia e também pela estrutura social. Num mundo repleto de equívocos e julgamentos, as grandes metrópoles como uma das condutoras de propagação e consumo de imaginários culturais, repercute o jogo de imagens e de significações do próprio ambiente em que o mercado ganha relevo (MORIN, 1996).

Infelizmente, segundo Nayara, os moradores do Grajaú reforçam essa estrutura de negativa e exclusão. Muitas pessoas não conseguem desfrutar das coisas que possuem no bairro e também propagam aspectos negativos do local:

Pessoas do nosso bairro que não estão inseridas no contexto da cultura, principalmente por falta de divulgação da mídia, colaboram com o aspecto negativo do bairro. Eu tenho muita a percepção que as pessoas não conhecem as coisas boas que o Grajaú tem. Pode ser porque passam muito tempo fora por causa do trabalho... mas as pessoas do bairro não colaboram. Eu acho que isso contribui para o aspecto que outras pessoas têm da região. A mídia no geral divulga com aspecto negativo. A notícia boa é entre nós mesmo que a gente faz acontecer com jornais independentes.

Para Tiaraju D'Andrea (2013) a saída proposta pelos moradores dos bairros populares para dar conta de seu lugar no mundo a partir de categorias estigmatizantes como violência e pobreza foi realçar essas características, pois serviria para criticar o falso consenso social e vocaliza a exigência política de uma ação pública para superar aquele contexto de abandono.

Por outro lado, e se contrapondo a visão estigmatizante operada por parte da mídia, supera a ótica da circunscrição dos problemas da periferia, como se tais fenômenos fossem endógenos e particularidades desse território geográfico [...] A periferia pode ser, em larga medida, onde “se encontrava” o problema, ela não “era” o problema. O problema era a sociedade como um todo, mas a corda sempre arrebenta do lado mais fraco (D'ANDREA, p. 137).

O direito à comunicação passa a ser percebido, cada vez mais e em diversos contextos geopolíticos, como dimensão fundamental de aperfeiçoamento das democracias. Por isso existe vários coletivos e fontes de informação periférica como o Periferia em Movimento, Voz das Comunidades, Nós Mulheres da Periferia, Agenda Periférica, Favela Em Pauta, entre outros. Os perfis mais populares do Grajaú são o Grajaú Tem e o Grajaú News onde é compartilhado notícias diárias do distrito e novidades do comércio. Segundo Thais, para os moradores é importante essa troca de informação, pois o bairro está em ascensão:

O Grajaú é um território extremamente potente e lutando cada vez mais para existir e que a população consiga ter qualidade de vida em todos os sentidos, culturais, saúde e educação. E cada vez mais tem pessoas engajadas para que isso aconteça.

O jornal Voz das Comunidades foi criado em 2005 e hoje é uma das maiores referências de jornalismo comunitário no Brasil. O veículo é do Rio de Janeiro, mas aborda vários assuntos essenciais sobre periferia. Segundo Rene Silva, editor chefe do jornal, as pessoas confiam mais nas mídias comunitárias do que nas hegemônicas:

Quando eu estou no Twitter, as pessoas querem saber o que está acontecendo na favela, se é verdade o que a Globo fala, a Record, o SBT, o que a grande mídia fala e a quem a mídia está falando sobre a favela. As pessoas querem saber se é verdade. Quando sai uma matéria no Jornal Nacional – o telejornal de maior audiência – muita gente vai no meu Twitter comentar, vai no Twitter do Voz das Comunidades perguntar: “É verdade isso que falaram do Complexo do Alemão ou de tal favela?”. As pessoas vêm conferir, vem checar. (SILVA, p.20, 2020)

A cantora Nayra Lays é formada pelo laboratório de jornalismo *É Nós*. A organização tem pautas sobre diversidade, periferia e representatividade. A experiência com mídias independentes ajudou Nayra a ter uma percepção diferente dos veículos de comunicação. O jornalismo independente e comunitário tem pautas mais centralizadas e fala diretamente do público para o público. Segundo Nayra, a mídia hegemônica tem esse perfil como objetivo político:

Essa experiência me ajudou a entender que durante muito tempo assistindo Datena e outros programas, inconscientemente eles falavam que pessoas como eu eram inferiores ou que de onde eu venho as pessoas têm um determinado caráter. Porque muitas vezes nessa grande mídia só mostra esse lado estereotipado. Com tempo eu fui conseguindo identificar essas narrativas e perceber de fato quais narrativas eu gostaria de acompanhar.... Inclusive é um objetivo político, obviamente eles não falam isso, mas as grandes mídias agem assim para esses estereótipos serem criados. O que eu tenho feito é pensar como apoiar as outras mídias independentes.

Para o rapper Jpa Epycentro, apesar da falta de interesse da mídia, os artistas estão conseguindo conquistar espaço nos programas de televisão e levam o nome do bairro junto:

Na real a mídia só se interessa no que tá no ápice. Porque pra eles é ibope [...] É difícil eles olharem e falarem “aqui tem muita coisa boa”. Ainda assim é uma parada difícil para que o nosso trabalho tenha mais exposição [...], mas eu vejo que a periferia está chegando. Tem vários artistas que estão chegando no Altas Horas, no Faustão... A gente precisa trabalhar para alcançar essas parcerias.

Para Rene Silva, existe muitos artistas talentosos dentro da favela, e, em geral esses talentos não tem visibilidade. Assim como as falas do rapper Jpa, ambos acreditam na potência que a periferia possui, e que há artistas em ascensão, o que falta é a visibilidade:

O que sobra dentro das favelas, em geral, é muito talento. A gente tem muitos talentos aqui dentro. É um nível absurdo. Se eu fizer uma revista, se eu fizer um jornal, para falar só dos talentos das favelas, a grande mídia vai ter pauta o ano inteiro, o Caldeirão do Huck que se segure porque vai ter matéria pro ano inteiro. (SILVA, p.43, 2020).

Existindo espaço e oportunidades para os jovens da periferia consequentemente as notícias serão mais positivas para a mídia reporta e mostrar o que tem de bom nas comunidades. O jovem precisa de inclusão social, de identidade e de atenção do governo e da sociedade. A comunicação, como bem afirma Martin-Barbero (1997), é uma questão de culturas, de sujeitos e não só de aparatos e estruturas; é uma questão de produção, e não só de reprodução.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o Grajaú possui muitos espaços dotados de grande potência de conhecimento entre os moradores e artistas da área. O que os jovens da região precisam são de projetos políticos que explorem mais ainda o distrito para propor mais satisfação para os moradores. A partir desses espaços culturais que a juventude se sente presente. São nesses espaços que o sentimento de pertencer ao Grajaú surge. Fazer parte de um movimento, se incluir em um grupo e estar desenvolvendo dons inspira os moradores a estarem mais presentes no local. O jovem precisa de oportunidades, precisa de inclusão social, de identidade e de atenção do governo.

É preciso reconhecer a dimensão produtiva desses coletivos periféricos como agentes que estão transformando realidades locais. A participação dos jovens periféricos por meio

desses espaços além de dar mais oportunidades de descobrir a sua identidade reforça a parceria entre morador e bairro.

Como já foi dito, a mídia independente tem essa proximidade com o morador. Contudo, existe poucas produções comunitárias no Grajaú para criar esse vínculo sem estereótipos. A esfera da visibilidade acompanha a comunicação, por isso é importante acompanhar outros meios de comunicação para encontrar identificação e não reforçar os estigmas criados pela sociedade.

Os moradores da periferia, de forma geral, entendem o Grajaú como uma potência. Apesar das dificuldades que foram citadas em relação a invisibilidade, violência ou falta de incentivo do Estado, toda essa bagagem torna o distrito potente por toda sua carga cultural.

5. BIBLIOGRAFIA

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma história Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARANTES, O. **Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas**. In: Arantes O., Vainer, C., Maricato, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998
- Correia, M. C. **A Observação Participante enquanto técnica de investigação**. Lisboa: Pensar Enfermagem, 1999
- FREUD, S. **O mal estar na civilização**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FILHO, José Freire. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias**. Revista Eco Pós UFRJ. Rio de Janeiro
- GIL, Carlos Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere: A cura di Valentino Gueratana**. 2. ed.,. Edizione Critica dell'Istituto Gramsci. Torino: Ed. Einaudi, 1975.v. 1, 2, 3 e 4.
- HABERMA.S, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid, Taurus, Vol II, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MAGNI, B. **Pensare la politica sotto il segno della divisione: l'itinerario eretico di Jacques Rancière (Introduzione)**. In: RANCIÈRE, J. Il disaccordo. Roma: Meltemi, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Comunicação plural: alteridade e sociabilidade**. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 9, 1997.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. 2. ed. Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.
- SILVA, Rene. **Cabeças da Periferia: Ativismo Digital e Ação Comunitária**. Org. Marcus Faustini - 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- SODRÉ, M. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TOMMASI, De Livia. **Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político**. Política & Sociedade - Vol. 12. Florianópolis, 2013
- WILLIAMS, Raymond. **Base e superestrutura na teoria cultural marxista**. Revista da USP, São Paulo, n. 65, p. 210-224, mar./mai. 2005

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: uso da cultura na era global**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2006.

5. 1. REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

REVISTA DIGITAL ANAGRAMA: Disponível em:
<http://www.periodicos.usp.br/anagrama/article/view/35327/38047>
Acesso em 02 Novembro de 2020

SP BAIROS: Disponível em: <https://www.spbairros.com.br/>>
Acesso em 07 maio de 2020

SPTRANS TERMINAL GRAJAÚ: Disponível em:
<http://www.sptrans.com.br/terminais/grajau/>>
Acesso em 07 Maio de 2020

UM PAÍS CHAMADO GRAJAÚ: Disponível em:
<https://sites.google.com/view/umpaischamadograjau/p%C3%A1gina-inicial>
Acesso em 07 maio de 2020

6. ANEXOS

6.1. TERMO DA THAIS CRISTINA

Nacionalidade: Brasileira

Idade: 24 anos

Profissão: Psicóloga

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **Identidade Periférica do bairro Grajaú: O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**, que tem como pesquisador/a responsável **Beatriz Silva Bacelar**, aluno/a do curso de Mídia, informação e cultura (pós-graduação lato sensu) do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, orientado/a por **Dennis Oliveira**, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail dennisol@usp.br; beatrizsbacelar@gmail.com ou telefone (11)954358465. O presente trabalho tem por objetivos: identificar quais são as características do bairro Grajaú e se há o sentimento de pertencimento dos moradores no local. Minha participação consistirá em uma entrevista.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura Thais Cristina Porfirio Rodrigues

Local e data. Grajaú - 17/11/2020



6.2. TERMO NAYARA MESQUITA

Nacionalidade: Brasileira Idade: 22 anos Profissão: Estagiária no Sesc Interlagos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **Identidade Periférica do bairro Grajaú: O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**, que tem como pesquisador/a responsável **Beatriz Silva Bacelar**, aluno/a do curso de Mídia, informação e cultura (pós-graduação lato sensu) do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, orientado/a por **Dennis Oliveira**, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail dennisol@usp.br; beatrizsbacelar@gmail.com ou telefone (11)954358465. O presente trabalho tem por objetivos: identificar quais são as características do bairro Grajaú e se há o sentimento de pertencimento dos moradores no local. Minha participação consistirá em uma entrevista.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura

Local e data.

Nayara Mesquita Sousa
30/10/2020

6.3. TERMO DO JPA EPYCENTRO

Nacionalidade: Brasileiro

Idade: 35 anos

Profissão: Cantor e Tatuador

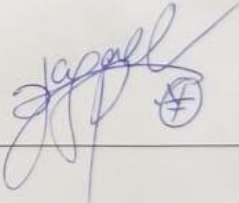
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **Identidade Periférica do bairro Grajaú: O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**, que tem como pesquisador/a responsável **Beatriz Silva Bacelar**, aluno/a do curso de Mídia, informação e cultura (pós-graduação lato sensu) do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, orientado/a por **Dennis Oliveira**, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail dennisol@usp.br; beatrizsbacelar@gmail.com ou telefone (11)954358465. O presente trabalho tem por objetivos: identificar quais são as características do bairro Grajaú e se há o sentimento de pertencimento dos moradores no local. Minha participação consistirá em uma entrevista.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura *Jafael Audio Truzava*

Local e data. *18.11.2020*

Jafael 

6.4. TERMO ANA BEATRIZ

Nacionalidade: Brasileira

Idade: 22 anos

Profissão: Poeta

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **Identidade Periférica do bairro Grajaú: O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**, que tem como pesquisador/a responsável **Beatriz Silva Bacelar**, aluno/a do curso de Mídia, informação e cultura (pós-graduação lato sensu) do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, orientado/a por **Dennis Oliveira**, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail dennisol@usp.br; beatrizsbacelar@gmail.com ou telefone (11)954358465. O presente trabalho tem por objetivos: identificar quais são as características do bairro Grajaú e se há o sentimento de pertencimento dos moradores no local. Minha participação consistirá em uma entrevista.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura *Ana Beatriz da Silva Dias*

Local e data. *São Paulo, SP, 19 de novembro de 2020*

6.5. TERMO NAYRA LAYS

Nacionalidade: Brasileira

Idade: 23 anos

Profissão: Cantora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **Identidade Periférica do bairro Grajaú: O sentimento de pertencer a partir do âmbito cultural**, que tem como pesquisador/a responsável **Beatriz Silva Bacelar**, aluno/a do curso de Mídia, informação e cultura (pós-graduação lato sensu) do Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, orientado/a por **Dennis Oliveira**, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail dennisol@usp.br; beatrizsbacelar@gmail.com ou telefone (11)954358465. O presente trabalho tem por objetivos: identificar quais são as características do bairro Grajaú e se há o sentimento de pertencimento dos moradores no local. Minha participação consistirá em uma entrevista.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nayra Lays da Silva Franca

Nome e Assinatura

São Paulo, 23 de novembro de 2020

Local e data!
